

**TRANSFORMAÇÕES
DO MUNDO DO TRABALHO
E FORMAÇÃO DO TRABALHADOR**

O SUJEITO
APRENDENTE

Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador

Editora Executiva

Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – UFSM, Unicamp

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Adolfo Ignacio Calderon – PUC/Campinas
Prof. Dr. Afranio Mendes Catani – USP
Prof. Dr. Altair Alberto Fávero – UPF/RS
Profa. Dra. Carina Maciel – UFMS/MS
Prof. Dr. Diego Bechi – UPF/RS
Profa. Dra. Edineide Jezine – UFPB
Profa. Dra. Egeslaine De Nez – UFRGS/RS
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp/SP
Prof. Dr. Elton Luis Nardi – Unoesc/SC
Prof. Dr. Gildeir Carolino Santos – Unicamp/SP
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar/SP
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp/SP
Prof. Dr. José Vieira de Sousa – UnB/DF
Profa. Dra. Lara Carlette Thiengo – UFVIMG – MG
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC/PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC/SC
Profa. Dr. Ignacio Calderon – PUCC/SP
Profa. Dra. Maria Abadia da Silva – UnB/DF
Profa. Dra. Maria Tereza Ceron Trevisol – Unoesc/SC
Profa. Dra. Maria Vieira Silva – UFU/MG
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodrigues – UFMS/RS
Profa. Dra. Marilda Pasqual Scheneider – Unoesc/SC
Profa. Dra. Marília Morosini – PUCRS/RS
Prof. Dr. Paulo Almeida – UFPA/PA
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp/SP
Profa. Dra. Romilda Teodora Ens – PUCPR/PR
Profa. Dra. Rosane Sarturi – UFSM/RS
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA/PA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrián Ascolani – Universidad Nacional de Rosario/Conicet/Argentina
Prof. Dr. Adrian Cammarota – IDES/Argentina
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Universidad de Granada/Espanha
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aviero/Portugal
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/Portugal
Prof. Dr. Enrique Martinez Larrechea – Iusur/Uruguai
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho/Portugal
Prof. Dr. Geo Saura – Universidad de Granada – Espanha
Prof. Dr. Jaime Moreles Vazquez – Universidade de Colima/México
Profa. Dra. Maria Carmen Lopez Lopez – Universidade de Granada/Espanha
Profa. Dra. Maria Cristina Parra Sandoval – Universidad del Zulia/Venezuela
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján/Argentina
Profa. Dra. María Verónica L. Guerrero – Pontificia Universidad Católica de Valparaíso/Chile
Prof. Dr. Mariano Fernandez Enguita – Universidad de Madrid/ Espanha
Prof. Dr. Norberto Lamarra – Universidad Trés de Febrero – Argentina
Profa. Dra. Olga Cecília Diaz Flores – Universidad Nacional Pedagógica – Colômbia
Prof. Dr. Pablo Garcia – Universidad Trés de Febrero/Argentina
Profa. Dra. Patricia Viera Duarte – Universidad de la Republica/Uruguai

Andréia Aparecida Simão

**TRANSFORMAÇÕES
DO MUNDO DO TRABALHO
E FORMAÇÃO DO TRABALHADOR**

O SUJEITO
APRENDENTE

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simão, Andréia Aparecida

Transformações do mundo do trabalho e formação do trabalhador : o sujeito aprendente / Andréia Aparecida Simão. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023. – (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-765-7

1. Empresas – Empregados – Treinamentos 2. Mercado de trabalho 3. Trabalhadores – Educação 4. Trabalho – Aspectos sociais I. Título. II. Série.

23-176460

CDD-306.360981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Mercado de trabalho : Aspectos sociais :
Sociologia 306.360981

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: da autora

bibliotecária: Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Para meus pais Dario e Antoninha,
meus filhos Roger, Paula e Heva,
meu esposo Giolvane.*

Fazer-se um ser aprendente é aprender a aprender [...] é estar vivo e aberto ao mundo, nele intervindo a vontade pela confiança exuberante de conhecer o que se oculta e aguarda revelação. (Paulo R. do Carmo e Vilmar F. de Souza)

*Aos ensinamentos das pessoas que fizeram a diferença nesse processo de construção de saber.
Às profissionais da área de Recursos Humanos da empresa onde se realizou a pesquisa, que mostraram através da acolhida, do respeito ao conhecimento científico, que a aquisição de conhecimentos pode sim ser compartilhada.
Aos profissionais que participaram da pesquisa, por demonstrarem alegria em dividir a aprendizagem adquirida com as experiências pessoais e profissionais.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
<i>Roque Strieder</i>	
APRESENTAÇÃO	17
capítulo I	
TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO E MODELOS DE GESTÃO: TAYLORISMO, FORDISMO E TOYOTISMO	21
capítulo II	
ELEMENTOS DA FORMAÇÃO DO TRABALHADOR NO BRASIL	49
Capítulo III	
FORMAÇÃO POR COMPETÊNCIAS E O SUJEITO APRENDENTE	121
capítulo IV	
SUJEITO APRENDENTE E EDUCAÇÃO NA EMPRESA: QUESTÕES EMERGENTES	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
PÓS-FÁCIO	183
<i>Giovane Ferreira</i>	

REFERÊNCIAS 187

ANEXOS 205

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO
LIVRE E ESCLARECIDO

PREFÁCIO

Roque Strieder

Ser convidado para prefaciara obra científica é motivo de alegria, satisfação e reconhecimento. Escrever um prefácio é como escrever um convite. Todo convite é estendido a um qualquer que, nos termos de Agamben (2013, p. 10) tem a ver com *quodlibet*, ou seja “não importa qual, indiferentemente” onde *quodlibet ens* não significa “o ser, não importa qual” mas, sim “o ser tal que, de todo modo importa”. Um convite, portanto, contém sabor de desejos, de intencionalidades e de propósitos. Um prefácio, é pois um escrito convite, convidando para leitura e reflexão sobre um texto que, nas palavras de Sloterdijk (2000) é uma espécie carta mais longa, escrita para amigos. Em se tratando de uma escrita para amigos e, envolvendo *filia*/amizade por sabedoria, ela, sem que se possa antever todos os destinatários, visa também motivar esses outros não identificados para saborearem amizades, culturas e conhecimentos.

É nesse sentido que Andréia Aparecida Simão pretende criar múltiplas e indeterminadas oportunidades de amizade com todos e os muitos leitores anônimos. Um convite para beberem de seu estofo de pensadora e de sua compreensão e compromisso, já em caráter de urgência, da importância de se conceber e se ancorar a formação de indistintos profissionais, em diferentes pressupostos. Mais do

que diferentes pressupostos de formação profissional, pois Andréia fala em seres aprendentes, referindo-se a viveres e conviveres aprendentes algo muito distinto de seres em servidão, silenciados em seus fazeres como dever e ofício. Andréia sonha outras e diferentes possibilidades formativas, não exclusivamente revestidas pela instrumentalização, pela quantificação produtivista, pela dessubjetivação de si, pela violência ceifadora do próprio tempo de vida, pela violência de ver-se ser humano transformado em empresa de si, tendo como característica central a exploração de si, dos outros e dos recursos naturais. Andréia sonha, apoiada em Assmann (2007) que as interfaces dos agentes cognitivos – humanos e tecnologias – coloca desafios epistemológicos e também pedagógicos para a criação de um clima propício às experiências como efetivas vivências do estar aprendendo. Isso soa muitíssimo diferente do ser e sentir-se refém e servir docilmente uma esteira industrial, refém e servir docilmente uma lógica gerencial dita objetiva, seguir cega e friamente um dispositivo pedagógico e dando-se por satisfeito e com dever cumprido. Todo o esforço feito por Andréia, em descrever no segundo capítulo, os dispositivos das políticas públicas de formação do trabalhador no Brasil, precisam ser lidos como denúncias contra a lógica nelas contidas. Uma lógica de desumanização, uma lógica de desrespeito ao ser humano, uma lógica de desrespeito à dinâmica e ao equilíbrio da e na natureza. Trata-se de uma denúncia contra a lógica da fragmentação e da coisificação do ser humano, da redução simplificador do ser humano a um ser de necessidades, como se desposuído de desejos, de esperanças, de sonhos e de humanidade.

Sobrevoando o texto de Andréia damos-nos conta de que ela compreende ser complexo todo e qualquer contexto humano, ser complexo todo e qualquer contexto educacional, e, mais profundamente complexo ainda o contexto desumanizador e (de) formativo que envolve e cega o profissional e todos os profissionais levando-os à dessubjetivação e a realizarem experiências e experimentos propostos por outros, sempre executadas como dever, como ofício e em estado de obediência.

Ainda, no primeiro Capítulo *Transformações do mundo do trabalho e modelos de gestão*, Andréia descreve e reconhece que tanto o taylorismo, como o fordismo ou toyotismo são de fato ameaças à condição humana. A condição humana, o fazer-se gente é tolhido e invadido pela lógica mercantilista e pelos mecanismos de instrumentalização. Ambos priorizam cenários nos quais os espaços humanos de convivência tem seu enfoque diminuído, substituídos pelas lógicas da gestão, pelas competências, pelos mergulhos em imaginários e ações de competição. O ser humano é despido de sua dimensão intelectual, nega-se sua dinâmica reflexiva, criativa e humanizadora. Majoritariamente, em contextos mercadológicos e capitalistas, aprofunda-se a indiferença humana e se semeia a desigualdade elevando os graus de desumanização.

Depois, no Capítulo sobre políticas de formação profissional, Andréia firma as fragilidades acadêmicas e de desencantos reflexivos, a serem substituídos pela lógica das competências e do eficientismo, os novos vórtices reconhecidos como fracasso educacional. Agora, e apoiada em autores convidados, Andréia entende que no contexto dessas políticas, a melhoria da qualidade da educação está atrelada, de forma estrita e/ou estreita, à formação de um trabalhador eficaz, competitivo e altamente produtivo. O que quer dizer, não humano, não com formação acadêmica e nem reflexivo.

Andréia sabe e deseja que se entenda que a violência do modelo de subjetivação capitalista, já não pode ser considerada um episódio transitório nos domínios da existência cotidiana dos seres humanos. Sabe e semeia a concepção de que a generalização da concorrência como norma de conduta, intima as pessoas a conceberem a si mesmas a terem condutas como uma empresa. Como psicóloga do trabalho, Andréia sabe que essa lógica impede a dinâmica da convivência e das relações sociais, enquanto aumenta o potencial de conflitos psicológicos e interpessoais, alimentando a infelicidade, a indiferença, a dor e os sofrimentos.

Quando Andréia se refere à avaliação, em sua pesquisa de campo, a percebe muito mais como um mecanismo de vigilância e aposta no produtivismo requerendo, acima de tudo, o cumprimento de um dever, como algo que passa a ser inerente à uma função, algo próprio de um cargo na empresa de alimentos investigada e, portanto, como função, fruto de uma exigência externa, ou seja, agir como função requer converter a si e aos outros em déspotas de si mesmos. Então, Andréia entende que o profissional está sendo separado e fragmentado: ele tem seu ser e seu viver separados de suas ações. Cabe pois seguir na reflexão: quais são, então, as implicações dessa separação do ser pessoa, de seu fazer profissional, de seu agir, algo imposto como ofício e a ser executado como dever? Basta saber cumprir um dever, é obedecer um mérito?

Andréia indiretamente possibilita uma nova chave de leitura para compreender os mecanismos de intensificação da precarização do trabalho e da precarização profissional. A subjetividade (concorrencial) tornou-se um dos principais mecanismos utilizados pelo capital para aumentar a eficiência e a produtividade dos trabalhadores profissionais, bem como para submetê-los a condições precárias de trabalho.

O teor da longa carta escrita por Andréia é uma reflexão investigativa extensa e profunda, sobre como se criam, como se desenvolvem e com quais estratégias de intencionalidades se conservam os mecanismos de subjetivação e de rendição, com redução dos profissionais à obediência e ao cumprimento de deveres padronizados.

Caro/a leitor/a, Andréia expõe, reflete e argumenta uma anomalia. Uma anomalia invasora, um verdadeiro antibiótico para aquilo que, nas ciências humanas, chamamos de formação nos termos de responsabilidade, escolhas, liberdade e ética.

Enfim, Andréia ajuda aos leitores criarem em si mesmos a urgência de uma empreitada profanadora (Agamben 2007)

como presença e desafio irrefutável da e na educação, da e na contemporaneidade. Muito certamente, Andréia, você fará nascer nos leitores imaginários de impaciência e de insatisfação diante da passividade resignadora das massas profissionais, e eles se põe a questionar: e agora, diante dessa anomalia invasora, como resistir? Como des-criar essa desubjetivação capitalista? Quais os desafios de uma resistência (para uma re-existência) política e educativa frente aos mecanismos da precarização do trabalho, da precarização profissional, frente à formalização desses mecanismos como lógica educacional que prioriza a instrumentalização e o utilitarismo, enquanto também sedimenta a vigilância, o controle, a dominação, enfim a obediência?

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SLOTERDIJK, P. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o Humanismo*. São Paulo: Estação liberdade, 2000.

APRESENTAÇÃO

Este livro é um recorte da pesquisa realizada na modalidade de dissertação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) na Linha de Pesquisa Educação, Políticas Públicas e Cidadania. Esta investigação teve como orientadora a Professora Doutora Luiza Helena Dalpiaz, a quem expresso meus agradecimentos e estima.

No plano científico, a construção desta investigação é fruto de um campo (Bourdieu 1989) constituído de tensões dada a interface entre duas áreas distintas de conhecimento: psicologia organizacional e educação. A primeira, pauta minha formação inicial e prática profissional; a segunda, desenvolvi o presente trabalho, assim como a continuidade em estudos e aprofundamentos na área.

Inicialmente chamada psicologia industrial ou do trabalho, a psicologia organizacional, oriunda da ciência psicológica, relaciona questões do trabalho do sujeito nas organizações, com vistas a promover a saúde do trabalhador e sua satisfação em relação ao trabalho; faz interface com problemas organizacionais ligados à gestão de recursos humanos, nas chamadas funções clássicas, como recrutamento e seleção de pessoas, estudo de cultura e clima organizacional, treinamento e desenvolvimento, avaliações de potencial, entre outros (Goulart e Sampaio 1998).

Nesse contexto, o estudo está centrado nos recursos humanos de organizações empresariais, na área de treinamento e desenvolvimento. O objetivo foi trabalhar sobre as condições de aprendizagem do sujeito no contexto organizacional. Assim, procurei compreender como se constitui o sujeito aprendente no contexto das transformações do mundo do trabalho.

No plano epistemológico, a elaboração desse problema de pesquisa emerge de um trabalho fundamentado no método de problematização de práticas profissionais, construído a partir das noções de crise do praticante e tensão paradigmática (Dalpiaz 2015). Nessa perspectiva, há uma ruptura paradigmática, pois o praticante se torna pesquisador de sua própria prática, para construir conhecimento científico. O pesquisador comumente dissociado do problema que investiga problematiza sua prática se reconhecendo implicado no contexto organizacional que interroga. Para Dalpiaz (2005, p. 68), a implicação “produz uma hipótese: a pergunta do sujeito singular contém uma interrogação sobre o respectivo campo de prática social e área de conhecimento.”

No presente estudo, de forma exploratória, procurei problematizar e esboçar uma noção de sujeito aprendente, considerando o contexto das transformações do mundo do trabalho e os dois modelos clássicos de gestão da produção e do trabalho. O modelo taylorista/fordista, da produção em massa e do consumo de massa, caracteriza-se pela decomposição do processo de trabalho em tarefas fragmentadas e repetitivas, com forte controle hierárquico e separação entre planejamento (gerente) e execução da tarefa (operário) (Taylor 1990; Ford 1967). Nesse modelo, o trabalhador é especializado, individualizado e sua formação se particulariza pelo treinamento mediante instruções escritas referentes à tarefa. O modelo toyotista, ou modelo de produção flexível, caracteriza-se pela produção por demanda, pelo fluxo contínuo de produção, pelo trabalho em células e em equipe (Ohno 1997). Esse modelo convoca um trabalhador polivalente e multifuncional formado na perspectiva da pedagogia de competências (Ramos 2011).

Em termos metodológicos, tratou-se de uma pesquisa exploratória e qualitativa (Minayo 1996), que articula três procedimentos de investigação: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e trabalho de campo. Este foi realizado através de entrevistas compreensivas (Kaufmann 2013), pelas quais busquei evidenciar indícios (Ginzburg 1989) de diferentes pontos de vista complementares (Ardoino 1998)¹ de atores sociais de uma empresa de grande porte, do ramo alimentício, da região do Meio-Oeste catarinense. A sistematização e análise de dados observou pressupostos da análise de conteúdo (Bardin 1977).

O presente livro está organizado em quatro Capítulos. No primeiro Capítulo explico características das transformações do mundo do trabalho e dos modelos clássicos de gestão empresarial: taylorista/fordista e toyotista. No segundo, abordo a formação do trabalhador no Brasil ressaltando aspectos sócio-históricos e conceituais a partir de três aspectos: ensino de ofícios; formação técnica e profissional; educação, trabalho e tecnologia. No terceiro Capítulo, mostro elementos conceituais que compõem a formação por competências e o sujeito aprendente. O quarto Capítulo é dedicado ao trabalho de campo realizado e respectivos procedimentos metodológicos, assim como a sistematização e análise de dados referentes às questões emergentes sobre o sujeito aprendente. Todavia, teço reflexões nas quais procurei entrelaçar evidências da pesquisa que me permitiram formular hipóteses sobre o sujeito aprendente no contexto das transformações do mundo do trabalho.

Esta temática pertinente e contemporânea, está direcionada aos enfrentamentos que vimos tendo desde o ensino de ofícios

1. As bases deste estudo se fundamentam na abordagem multirreferencial das situações educativas e formativas. Consiste em uma leitura múltipla sob diferentes pontos de vista em sistemas de referências distintos e reconhecidos como não-redutíveis, ou seja, neste trabalho conversamos com diversos sujeitos em diferentes leituras sobre o objeto (prático ou teórico) (Ardoino 1998).

até a atualidade nos aspectos da educação, trabalho e tecnologia. Todavia, a obra se faz relevante socialmente no âmbito de auxiliar o sujeito que aprende com e nas organizações a discutir e refletir sobre a formação proposta pelas políticas educacionais no que se refere também às concepções para a formação humana. Logo, o propósito é informar os sujeitos enquanto forma de expressão e respostas pelas políticas de formação profissional.

A retomada desta obra, escrita entre os anos de 2015 e 2016, faz-se relevante neste contexto histórico e político pois fecunda na atualidade pelos avanços e retrocessos das políticas educacionais e formação do trabalhador, para que se possa compreender a estrutura da educação como espaço desafiador de reflexão e constituição do pensamento crítico. Este livro é composto pela larga escrita da história das políticas de formação profissional desde o Brasil colonial, chegando às competências e o chamamento pelas organizações empresariais – no Brasil em meados do século XXI – em relação ao perfil de trabalhador que o mundo do trabalho clama e institucionaliza, promovendo a história do sujeito que se interroga no aprender a aprender. Vimos assim a (de)formação humana, pautada em aspectos desse aprender a aprender, do ajustamento ao meio, do sujeito ser múltiplo de sentidos e significados pelos princípios utilitários. Logo, a formação do trabalhador se torna um sistema complexo de interações cognitivas no âmbito de o sujeito ser integrante da sociedade aprendente e consequentemente produtor de conhecimento, com seu aprendizado disponibilizado em vários espaços formativos.

Contudo, espera-se contribuir para o debate sobre a formação do trabalhador no contexto brasileiro, ao apreender a necessidade de ir além de atribuir sentido ao trabalho, mas para transformá-lo por meio das perspectivas teórico-educacionais.